

Buffy

10 anos

Entenda a heroína da TV que se tornou um ícone cult

ESPAÇO CUBO

A iniciativa que mudou a cara da cena de Cuiabá

iJigg

Entrevista com Rodolfo Sikora, o criador do site que é o novo hit da música na internet

es ebu N°20

fevereiro de 2007

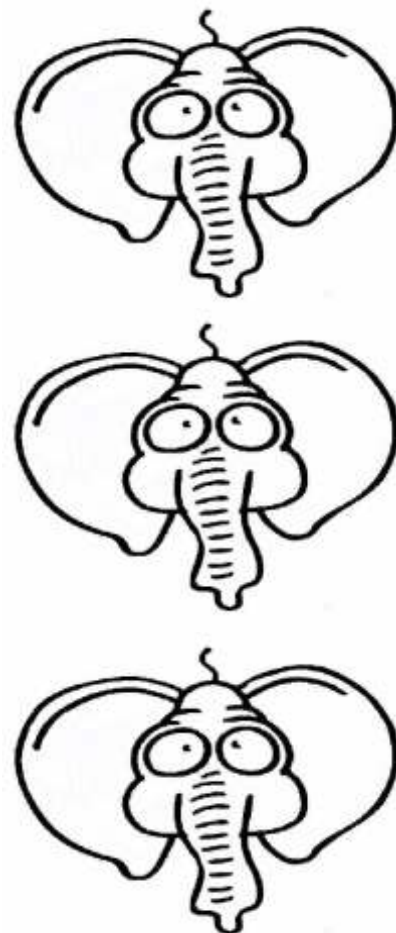
a edição mais geek do ano



O meu maior receio ao dedicar a capa e um bom pedaço do Elebu ao seriado *Buffy, A Caça-Vampiros* foi cair em descrédito num momento de crescimento. Pensei que depois dessa edição, ninguém levaria o zine à sério. Não que isso seja fundamental, embora ter alguma credibilidade sempre é bom. E fiquei preocupada em fazer um trabalho perfeito para compensar esse arroubo do meu lado mais geek. A capa, se não foi a mais bonita da história do Elebu, com certeza foi a mais trabalhosa. Os textos do “especial” foram escritos depois de muita pesquisa. Precisava ser feito dessa maneira. Era como se tivesse de justificar para mim mesma porque estava colocando o seriado na posição de maior destaque. Só depois de tudo pronto, quando vi que o resultado ficou bom, relaxei.

Mas agora, pensando nisso, acho que toda a preocupação para que os leitores aceitassem tal capa e tema foi pura bobagem. O Elebu ainda é um fanzine e o objetivo dele é falar daquilo que se gosta. De certa forma, é motivador dedicar uma capa ao seriado que mais marcou a minha juventude ao lado de *Arquivo X* e *Friends*. É como se tivesse criado um precedente para abordar qualquer coisa com status de assunto principal. E *Buffy* é sim um assunto muito bacana e que desperta curiosidade, em especial depois que se conhece a mitologia. Trata-se de uma heroína que não fugiu do destino, mas sim dos determinismos.

Se for pensar bem, o determinismo é um limitador cheio de idéias falsas. É ele que diz que todo menino da favela vai virar bandido, que toda menina pobre do sertão vai se prostituir, que o Brasil jamais irá para frente. Determinismo é pensar que só a música poderia ter o lugar de maior destaque no Elebu quando existe todo um universo dentro da cultura pop. Sim, a música continua e continuará a ocupar os espaços mais importantes, só que isso já não será uma regra absoluta. Às vezes, a gente precisa se permitir um pouco mais.



ELEFANTE BU N° 20

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO “PORÃO WEB”:

Washington Ribeiro

CAPA:

Montagem feita a partir de imagens da TV com primeiro desenho de divulgação da nova fase de BTVS nos quadrinhos

REVISÃO:

Daniela Casarotto

COLABORADORES:

Brunno SV, Washington Ribeiro, Georgiana Calimeris, Leonardo de Moura e Gizza Machado

AGRADECIMENTOS:

Rúbia Cunha, Rita Maria Félix, Ana Cristina Rodrigues, o pessoal do Espaço Cubo, em especial a Marielle Ramires e Lenissa Lenza. Felipe Gurgel e Rodolfo Sikora. Fernando Rosa, Douglas Godoy,

Helio Flandres, Ricardo Kudla, e as bandas que participaram da pesquisa a respeito da cena de Cuiabá. Ela não saiu como foi inicialmente planejado, mais as respostas ajudaram a “descobrir” o Espaço Cubo e promover uma mudança de planos.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Siba e a *Fuloresta do Samba*; a versão de *Preta do Cordel do Fogo Encantado*; *Semáforo*, Vanguard; *As Coisas*, Érika Machado (a versão remix); bastante Arthur Faria e seu Conjunto; *Copacabanda*, Móveis Coloniais de Acaju (grande banda); *O Pobre dos Dentes de Ouro*, Cidadão Instigado; *Automotiva*, Café Colômbia.

APOIO:



Capa/ especial Mundo Geek:

Buffy, a Caça-Vampiros

Ziniando:

Espaço Cubo

Vanguard

Macaco Bong

Revoltz

Entrevista com Rodolfo Sikora

Porão Web:

As Belezas de Maceió

O Guia:

Ana Cristina Rodrigues

Maria Rita Félix

Georgiana Calimeris

Mundo Geek:

Tartarugas Ninja

Sin City

Séries Canceladas



A ARTE DA ORGANIZAÇÃO

Conheça o projeto Espaço Cubo que ajudou na construção da cena cultural independente de Cuiabá

Reportagem: Djenane Arraes
Fotos: arquivos do Espaço Cubo

Foi-se o tempo que para ser notado pelo resto do país, era preciso entrar no eixo Rio-São Paulo. Ou que Porto Alegre era a Manchester brasileira. Essa realidade começou a mudar quando grupos de outras regiões se organizaram para montar cenas culturais locais fortes. É o que aconteceu em Goiânia, com a atuação da Monstro Discos; em Brasília (em menor grau) com o festival Porão do Rock e a revista/selo/projeto Senhor F; e em Natal com o MADA, e as atuações dos selos Mudernage e Do Sol. Cuiabá, também conhecida como "Hell City", apareceu nesse mapa "fora dos eixos" nos últimos três anos ao apresentar uma cena forte e, sobretudo, com uma organização que impressiona. Grande parte disso é responsabilidade do projeto *Espaço Cubo*, que trabalha o ano inteiro na promoção de eventos e festivais que engloba não só a música, como também projetos na área de cinema e comunicação.

De acordo com Lenissa Lenza, uma das fundadoras do projeto, antes do Espaço Cubo não existia uma cena autoral independente organizada em Cuiabá. Até que ela, mais amigos do movimento estudantil, além de músicos e compositores da cidade (entre eles Douglas Godoy, da Vanguat), resolveram mudar as coisas. "Basicamente queríamos ter uma organização cultural que viesse formar o segmento com muita criatividade e ainda bem que isso não faltou. Em 2002 o Cubo surgiu", disse Lenissa. "Criamos o Cubo numa perspectiva de coisa 'pública' e não uma

empresa privada. Isso sem dúvida influenciou para que as bandas compreendessem melhor a necessidade de se organizarem nos fóruns, na Volume (frente de qualificação e política do Cubo) e etc. Além disso, os novos grupos que vieram para trabalhar na cena independente também se formaram enquanto entidades sem fins lucrativos. Isso sem dúvida cria uma cultura mais pública do que privada, em conceito. Hoje, nossos trabalhos atingem outros segmentos artísticos, como o audiovisual e ainda a comunicação. Sem dúvida, as coisas se modificaram por aqui".

Cuiabá possui, atualmente, mais de 50 bandas independentes em atividade sendo que, pelo menos meia dúzia possui visibilidade nacional (sim, esse é um número de respeito). Duas delas, a Vanguat e a



A Volume é uma iniciativa criada pelo Espaço Cubo que promove debates entre os músicos a respeito da cena de Cuiabá

Macaco Bong (cujos músicos também são integrantes do Espaço Cubo) figuram entre as grandes bandas independentes do país e são aclamadas pela crítica. Existem dois grandes festivais, entre eles o Candango que é considerado o quarto maior independente do país. Há ainda um pólo emergente de cinema com a produção de curta-metragens. Essas são conquistas dos próprios artistas que se uniram para modificar o lugar. Mas nada disso surtiria efeito sem organização e planejamento. Nesse sentido, o Espaço Cubo desempenhou um papel definitivo para que "Hell City" pudesse mostrar o que tem de melhor. "A cena independente é a possibilidade de se criar tudo novo, até mesmo um conceito de mercado e subsídio, sem dúvida é um excelente negócio para se crescer absurdamente enquanto indivíduo livre, independente, inteligente, criativo e original. É um campo que favorece um empreendimento novo, mudar um conceito existente há muitos e muitos anos".

Troca de serviços

O grande objetivo do projeto é a democratização da cultura, e ele se utiliza de meios bem profissionais para tal. Existem várias frentes de trabalho dentro do Espaço Cubo que vão desde ações sociais, até a prestação de serviços para as bandas agenciadas, que inclui pacotes de cotas mensais diferentes. O mais barato, por exemplo, custa R\$ 250 e dá direito, entre outras coisas, a produção de três faixas de uma demo, um evento de lançamento desse trabalho, um fanzine específico com 50 exemplares, uma matéria no site e a participação de quatro eventos com média de público de 450 pessoas. Já o pacote de serviço mais caro, R\$ 1 mil, dá direito à prensagem de CD com 12 faixas e ao evento de lançamento, clípagem, participação de um festival nacional no ano, além da presença em todos os eventos e shows nacionais do projeto 12 Atos. Lenissa esclareceu que para as bandas consigam os benefícios dos serviços disponíveis na agência, é necessário que participem das reuniões da "Volume", dos fóruns de cultura, e que ensaiem com a supervisão de técnicos do Cubo. Ou seja, a banda tem que ter um



Produção de curtas-metragens, o festival Calango e a uma das reuniões do Volume



Registro do projeto Calango na Escola, uma das iniciativas do festival Calango.

engajamento político com a cena. Aquelas que são formadas apenas como hobby estão fora.

Mas e quanto ao valor das cotas dos pacotes? “Na realidade muito pouco se trabalha com dinheiro em espécie. O que acontece para darmos essa assessoria ou esse trabalho de um selo é a banda trocar com o Espaço Cubo. As bandas normalmente trabalham pelos eventos, e em alguma das Frentes do Cubo. Em troca, a gente faz o trabalho para ela. Existem bandas em que integrantes são técnicos de informática e nos dão assistência técnica em troca de ensaios. E assim vamos. O sistema de crédito cubo card foi o que criamos para definir esse tipo de troca que garante tanto à instituição, quanto à banda se auto-gerirem ou iniciarem esse princípio”.

Sim, você leu direito. O Cubo inventou até um sistema de crédito, que funciona como uma moeda interna. Cada crédito vale R\$ 1,50. O Cubo Card serve para a compra e troca de serviços entre o Espaço e empresas, pessoas físicas e prestadores de serviços. Há, inclusive uma tabela de preços com as duas moedas de circulação. Uma hora e meia de ensaio no estúdio, por exemplo, custa R\$ 15 ou 10c. Já uma empresa que queira fazer uma campanha publicitária completa vai ter que desembolsar 1.670c, que é o serviço mais caro oferecido.

Outro destaque do Cubo é o setor de comunicação. Existem blogs para tudo, sendo que o principal deles possui cerca de cinco mil acessos mensais. Eles também “atacam” com uma coluna semanal no site da revista Dynamite, espalham zines impressos de

bandas em pontos estratégicos e ainda possuem programa de rádio com duas horas de duração. Tudo isso ainda é otimizado pela agilidade das pessoas que trabalham no setor, que atendem rápido a demanda.

Todas essas são ações que fazem pensar que a cena independente é mesmo um bom negócio quando bem explorada. Lenissa reconhece que ela pode não enriquecer uma pessoa, mas com certeza vai dar a subsistência. “O mais importante é que com ela, o dinheiro se torna menor que a finalidade dele para sua vida. Viagens, trocas, fazer shows e levar o seu trabalho para o país todo, criar novas linguagens, produtos, projetos... é a verdadeira autonomia e liberdade. E isso a cena independente te proporciona tranquilamente. A subsistência provinda da cena independente fica

cada vez mais palpável com a organização de todos os grupos distintos pela música como bandas, selos, jornalistas, produtores e etc. As cadeias produtivas vão norteando inúmeras possibilidades de se conseguir verba, com fim no próprio setor musical e independente”.

Cena politizada

O Espaço Cubo também deixa a impressão que há um constante debate e formulações de políticas entre os integrantes do projeto e as pessoas que fazem a cena independente acontecer. Isso se deve ao grande número de atividades que envolvem fóruns, oficinas e workshops. A Volume (Voluntários da Música), por exemplo, tem como ideal preencher lacunas deixadas pela Ordem dos Músicos do Brasil de Cuiabá. E ali se trabalha organização, qualificação e profissionalização da cena, além das reuniões entre as bandas. Ainda existe o projeto Semana da Música (Semus), um “braço” da Volume, que visa mesclar discussões políticas relacionadas ao setor com oficinas e apresentações musicais.

Os integrantes da Cubo ainda participam do Circuito Fora do Eixo que busca dar visibilidade à cena não só da cidade como também das outras que “sofrem” com a distância das capitais do Sudeste. “Através do Circuito Fora do Eixo, estamos conquistando a descentralização de now-how, equipamentos e conhecimento das mais variadas áreas culturais. Ainda num contexto local, a demanda de bandas locais começou a existir assustadoramente e o nível musical, mais ainda. Até mesmo na distinção de linguagens. Outros grupos surgiram encampando a mesma empreitada. Criou-se uma cena forte e determinada”, explicou Lenissa.

As escolas também estão na mira do Cubo por meio do projeto Imprensa de Zine, onde os estudantes fazem laboratórios na área de jornalismo. E entre os objetivos, o Imprensa de Zine visa também reativar a mobilização política do grêmio estudantil. O projeto ganhou inclusive, em 2003, o prêmio Receita de Cidadania, promovido pela Unimed.

Essa discussão política também faz parte das frentes destinadas a produção audiovisual, literária e de teatro. Até a área acadêmica é valorizada por meio do Objeto Perdido, que é uma frente de trabalho para estimular pesquisas sobre o setor cultural. Ele também estimula a produção de livros e teses que dêem vazão aos resultados dos trabalhos. “O espaço cubo tem realizado muitas coisas em prol da cena. Mas somente uma entidade trabalhando pra coisa acontecer não basta”, disse Douglas Godoy, da banda Vanguard e integrante do Cubo. Para o músico, todos deveriam pensar numa grande coalisão pois um momento maior de afirmação só poderá acontecer quando todos trabalharem em conjunto. “A inclusão das minorias é o ponto alto disso tudo. Espero que quando as pessoas se derem conta da importância do que foi criado pelo Cubo, elas também façam acontecer. Existem tantas coisas a serem feitas. Precisamos desconstruir e reconstruir conceitos. Mas para isso, ainda tem que ser quebrado muitas barreiras. O individualismo é uma delas”, finalizou.

Nas páginas abaixo, saiba mais sobre a Vanguard, Macaco Bong e Revoltz, três bandas saídas de Cuiabá que são sensacionais.

PROJETOS AO CUBO

Imprensa de Zine

Nasceu em 2002 e é trabalho nas escolas da rede pública de ensino. Os alunos fazem laboratórios na área de jornalismo, vídeo e pesquisa.

Próxima Cena

Frente de trabalho do Cubo que abre caminho para o audiovisual. Inclui oficinas, palestras, fórum e um clube de roteiristas. A vitrine da Próxima Cena é o Festival Independente de Cinema.



Curta-Metragem dirigido por Lenissa Lenza. O filme fez parte do projeto Próxima Cena

Projeto Planetas

É uma atividade bem peculiar onde os participantes descrevem o cotidiano de diferentes planetas em etapas de evolução distintas(!). As histórias podem ser usadas para peças de teatro, roteiros para vídeos e vídeo clipes.

Objeto Perdido

Visa estimular pesquisas sobre o setor cultural.

Biblioteca Cultural

Foi iniciada com uma campanha de arrecadação de livros no Festival Calango. O objetivo é democratizar o acesso à leitura.

Grupo de Apoio

É o espaço de capacitação para os novos integrantes do Espaço Cubo. Os interessados fazem um curso de quatro meses que inclui um estágio.

VANGUART

Em pouco mais de dois anos, a Vanguard conseguiu alcançar o patamar mais alto que se pode vislumbrar na cena independente nacional antes mesmo de lançar o primeiro disco. É onde se encontra bandas como a Autoramas, Walverdes, e Ludov, por exemplo. A música é sensacional, a crítica prestigia, tem popularidade, faz shows em todas as regiões do país, e ainda tem moral de quem milita no meio. Mais do que isso, só mesmo o sucesso comercial e aparições na TV, mas como se sabe, para chegar a tal são outros quinhentos. "A banda cresceu muito rápido em muito pouco

tempo. Mesmo não querendo, isso mexe um pouco com a gente", disse Hélio Flandres, vocalista da Vanguard. "Hoje vemos a banda como algo também profissional, o que não existia antes. Porém, tudo que ainda tentamos fazer é tocar por diversão e de uma maneira que estejamos felizes fazendo aquilo". Completam a banda: David Dafre (guitarra), Reginaldo Lincoln (baixo), Douglas Godoy (bateria) e Luiz Lazarotto (teclados).

O quinteto saiu de Cuiabá. Se fosse há alguns anos, a cidade de origem seria uma tremenda desvantagem. Hoje, as coisas já não são mais assim graças a grupos organizados e projetos que estão, de certa forma, criando um novo eixo. Hélio considera o fato da Vanguard ser de Cuiabá uma vantagem, mas por causa de todo o trabalho realizado para dar visibilidade à cena. "As pessoas dos grandes centros tem mais acesso a shows, teatro, uma rede de cultura mais próxima. Nós éramos muito carentes em relação a arte em geral, e mudamos isso justamente fazendo arte. Trabalhos como o do Espaço Cubo, aqui em Cuiabá, do festival Varadouro, em Rio Branco, entre outros, são apenas alguns que ajudaram a criar a 'vantagem' de ser fora do eixo".

O lançamento do primeiro disco está na agenda da Vanguard deste ano, além de uma turnê pelo

Brasil todo. Hélio promete um disco cheio de músicas inéditas e também poliglota. "São seis canções em português e uma em espanhol, além das em inglês, portanto acho que é um passo adiante na carreira", disse Hélio. A variedade de idiomas se justifica pelas opções que a banda fez. O início da carreira foi marcada por composições em inglês. O português só foi aparecer pela primeira vez na música *Semáforo*, que está no EP lançado pela *Senhor F Virtual*. E foi também com uma música em português, *Cachaça*, que a banda concorreu pela primeira vez ao VMB da MTV na categoria de melhor Clipe Independente. Foi com *Cachaça*, inclusive, que a Vanguard ficou conhecida por um público maior. "Acho inevitável a banda ganhar mais amplitude ao cantar em seu idioma pátrio, mas foi algo muito natural, sem pretensão de sucesso", finalizou Hélio.



MACACO BONG



A Macaco Bong foi uma das bandas que a equipe da revista Bizz gostaria que desse certo em 2007. Na verdade, não só a publicação, mas também toda a torcida... daquele time... gostaria de ver o trio instrumental de Mato Grosso conquistando o grande público neste ano. Formado por Bruno Kayapy (guitarra), Ney Hugo (baixo) e Ynaia Benthroldo (bateria) eles fogem das armadilhas que fazem as bandas do tipo serem insuportáveis em sua maioria.

Chatice não se aplica a esse trio. A música deles pulsa forte e é possível identificar uma gama de influências do jazz ao rock'n'roll. O som é tão bom que não vê necessidade de alguém à frente gritando qualquer coisa.

A Macaco Bong é uma das bandas mais importantes surgidas em "Hell City" ao lado da Vanguard. Quando se fala de repercussão nacional, os caras já contam com um clipping extenso ao serem elogiados em todas as grandes publicações temáticas do país. Infelizmente não é possível ouvir mais do que duas músicas de forma "legal" na internet. Ainda assim é válido dar uma passada da Trama Virtual ou no MySpace para saborear música da melhor qualidade.

REVOLTZ

O quarteto tem "um pé em São Paulo e o outro em Porto Alegre", mas o local de encontro foi Cuiabá. Formada por Ricardo Kudla (voz e baixo), Heitor Rooji (guitarra), Marcella Yoshida (teclado e voz) e Jean Albernaz (bateria), a Revoltz pode ser rotulada como "alternativa", mas o som também pode ser entendido como power pop devido a forte influência gaúcha. Os vocais de Ricardo, inclusive, lembra o vocalista da Bidê ou Balde. Mas isso tudo são apenas informações adicionais. O que interessa saber é que o som é bom pra caramba!

O primeiro CD, *Beijo no Escuro*, deve estar no mercado a partir de março deste ano e, de acordo com Ricardo, ele terá músicas já lançadas em EPs, mas com uma nova roupagem, além de canções inéditas. "O projeto foi produzido pelo Astronauta Pingüim, mesmo produtor do Daniel Belleza, e os Corações em Fúria", disse. "O resultado final ficou muito bom. Está pop, está punk, e está psicodélico também".

Além do disco, a banda planeja dar as caras em todas as regiões do país em apresentações nos

diversos festivais independentes e shows isolados. "Estamos morando em São Paulo já há algum tempo para ajudar na divulgação pelo Sudeste e até facilitar a nossa ida a outras regiões. O clipe sai em março também, efim, está tudo acontecendo", finalizou Ricardo.



PELA MÚSICA E PARA A MÚSICA

The screenshot displays the iJigg website interface. At the top left is the iJigg logo with the tagline "Discover Great Music." and navigation links for "Post Music", "Join", and "Login". A search bar is located at the top right. The main content area is titled "Recently Posted" and includes filters for "Past 24 hrs", "Past Week", and "Past Month". Below this, there are controls for "Show: All Jiggs" and "Sort by: Date Posted".

The main content area features three music listings, each with a "Jigg It!" button and a "share" button:

- Lagoona - Your Paradise** (Electronic) | posted 5mins ago | played 3 times
- Joseph K? - De Cabeça Para Baixo** (Rock) | posted 1hr 35mins ago | played 28 times
- Quello che tu sei (it's what you are)** (Metal) | posted 1hr 50mins ago | played 4 times

Each listing includes a "Jigg It!" button, a play button, a progress bar, and a "share" button. The bottom listing also includes the band name "Band: Dario-V-".

On the right side, there is a "Latest Talk..." section with user comments and a "Just In..." section listing recent posts.

On the left side, there are navigation links for "Most Popular", "Recently Posted", "My Favorites", and "Genre", along with an RSS feed icon and the text "Subscribe to RSS".

No final de janeiro veio o anúncio que o iJigg (www.ijigg.com), o novo portal da música independente na internet, tinha atraído a atenção de mais de um milhão de usuários e também da revista Rolling Stone, da Amazon, além de outras grandes empresas. Tudo isso em pouco mais de uma semana no ar. O site corre a largos passos para se tornar o mais novo grande hit da internet usando como atrativo a simplicidade e a praticidade. O usuário se cadastra, posta a sua música e ainda usufrui de vários recursos interativos. As músicas são carregadas com rapidez e possuem mais qualidade do que os arquivos postados no MySpace, por exemplo. É possível colocar um player em blogs, inclusive. O melhor de tudo é que o iJigg é uma invenção que tem um pé no Ceará, por meio do desenvolvedor em informática Rodolfo Sikora, de apenas 26 anos. Ele e os parceiros Zaid Farooqui, da Índia, e Monjurul Dolon, de Bangladesh, tem tudo para revolucionar o jeito que se ouve música. O Elebu entrevistou o criador brasileiro, que revelou sonhos e expectativas.

[Elefantebu - Que momento de inspiração te levou a unir características que dão certo em sites como o YouTube e MySpace e desenvolver o iJigg?](#)

Rodolfo Sikora - Começa que eu sou um “músico” frustrado... tenho contas para pagar e não conseguiria viver de música. Tenho um dom que é saber desenvolver aplicações e sempre pensei em um dia conseguir, ao menos, fazer alguma coisa que ajudasse aos músicos e as pessoas que gostam de ouvir música. Tenho amigos no meio musical extremamente talentosos, mas que precisam ter um segundo emprego para poder sobreviver, o que tira o foco da música. Eu já havia pensado nesse sistema, mas a idéia formatada e real veio pelo Zaid (indiano)... Ele colocou na tela do computador aquilo que eu apenas imaginava ser interessante, que sabia que poderia desenvolver, mas não tinha capacidade de expressar de forma visível. Eu assisti uma palestra do criador do YouTube no próprio YouTube e ela foi um divisor de águas, mostrou que a idéia era boa antes mesmo de botar o iJigg para funcionar.

[Elebu - Aliás, de onde veio esse nome? Ele é bem curioso e ao mesmo tempo familiar.](#)

Rodolfo - Nosso principal atrativo hoje é a questão da popularidade das músicas que recebem grande exposição quando estão na primeira página. Digg é fantástico e todo mundo sabe o que significa. Então pensamos no Jigg que tem o mesmo som no inglês. iJigg significa EU Aprovo! Seria algo como dizer, “porra que música massa!”. E veio a calhar que i é sinônimo de música depois dos iPods da Apple. Então temos um nome poderoso, i = eu que tb é associado a música digital e Jigg = dig = descobrir, cavar, procurar, fuçar. iJigg = eu aprovo, ou eu procuro, ou musica boa ou desenterrando música.

[Elebu - O que é curioso é que você contou com a parceria de pessoas na India e Bangladesh no iJigg, o que é bastante curioso. Como foi o seu contato com eles?](#)

Rodolfo - Na verdade, ambos estão nos EUA, na Carolina do Norte mais precisamente. Eu já trabalhava com o Zaid desde 2002 aproximadamente... Fazíamos projetos pequenos e médios que davam em nada ou pouca coisa... O Zaid estava frustrado com sua condição de estudante, e ele é um cara de idéias,

visionário. Nasceu no meio da tecnologia. Ele me contratou para fazer um programa para ele quando ele tinha 14 anos. Foi nossa primeira “parceria”.

[Elebu - A fórmula do iJigg é muito promissora e caminha a passos largos em direção do sucesso. Prova disso são os contatos de grandes empresas interessadas em fazer negócios, acordos e parcerias. E é bem possível que depois de algum tempo, uma grande empresa queira comprar o iJigg, como aconteceu, por exemplo, com o YouTube que foi vendido para a Google. Como você encara essa possibilidade de fazer grandes negócios com grandes empresas?](#)

Rodolfo - Eu estou muito empolgado. Hoje (essa entrevista foi realizada no dia 24/01) uma grande, enorme, gigante empresa entrou em contato procurando discutir idéias. Essa empresa não só poderia viabilizar uma maior exposição dos artistas no mundo todo, como também poderia patrocinar o iJigg. Ser comprado é algo natural, veja bem, uma empresa de quatro carinhas onde o mais velho tem 26 anos (eu) precisa crescer um pouco e precisa sobreviver. Se o iJigg não continuar inovando, melhorando, crescendo, já já aparece alguém com a mesma proposta e com novidades. Como nosso sonho é bem maior do que o iJigg, dinheiro vai ser algo necessário. Por exemplo, eu quero, além de ajudar os artistas divulgando o trabalho deles, fazer com que eles passem a ganhar algo para que continuem produzindo mais

músicas. Eu quero poder abrir uma fundação para que os artistas não precisem desistir dos seus sonhos porque tem que pagar a conta de luz no final do mês e por isto vai ter que arrumar outro emprego. Para isso, dinheiro é preciso. Quero poder patrocinar eventos musicais sem ter que apelar para as mesmas bandas de sempre. Quero conseguir que as pessoas passem a gostar da música pela música, não porque o álbum tem uma capa bonita ou porque a cantora está de saia curta, ou porque o cara é bonito. E é nesse sentido que o iJigg atua, por isto mesmo estamos relutantes em abrir espaço para muitas imagens no site. Você ouve uma música porque gosta dela, ou porque a capa do CD é legal? E é assim que os outros sites funcionam. Na primeira página você tem várias capas e fotos, e a música está escondida. Para nós, a música vem antes. Se você gostar dela, daí sim você deve ir atrás de querer saber quem é a banda.

“Eu quero é poder abrir uma fundação para que os artistas não precisem desistir dos seus sonhos porque tem que pagar a conta de luz no final do mês.”

Ai que saudade do céu, do sol, do sal de

MACEIÓ



Fotos e Comentários: Washington Ribeiro (wr/bk)

 porãoweb.com.br

Maceió é uma das melhores cidades litoraneas para se passar as férias que já encontrei no Brasil. A beleza de suas praias, a tranquilidade e o clima da cidade traz uma harmonia perfeita. Com esse palco impar de belezas naturais ficou fácil fotografar.

Acima temos um dos pontos mais procurados, principalmente por casais apaixonados, para registrar o por do sol alagoano na praia de Pajuçara, que infelizmente não está apta para banho, mas é um cenário fabuloso.

No destaque ao lado, o trabalho de um artista plástico, que trabalha na mesma praia. Perceba os detalhes e a sofisticação das curvas do arame. Tudo feito em minutos utilizando apenas um alicate e muita criatividade.





Vick Vicente, o artista;
Washington Ribeiro e Leila Ribeiro
apreciando o resultado final:
Fino trato na caricatura

Ed Motta por Vick Vicente

Preservando a Cultura de Alagoas

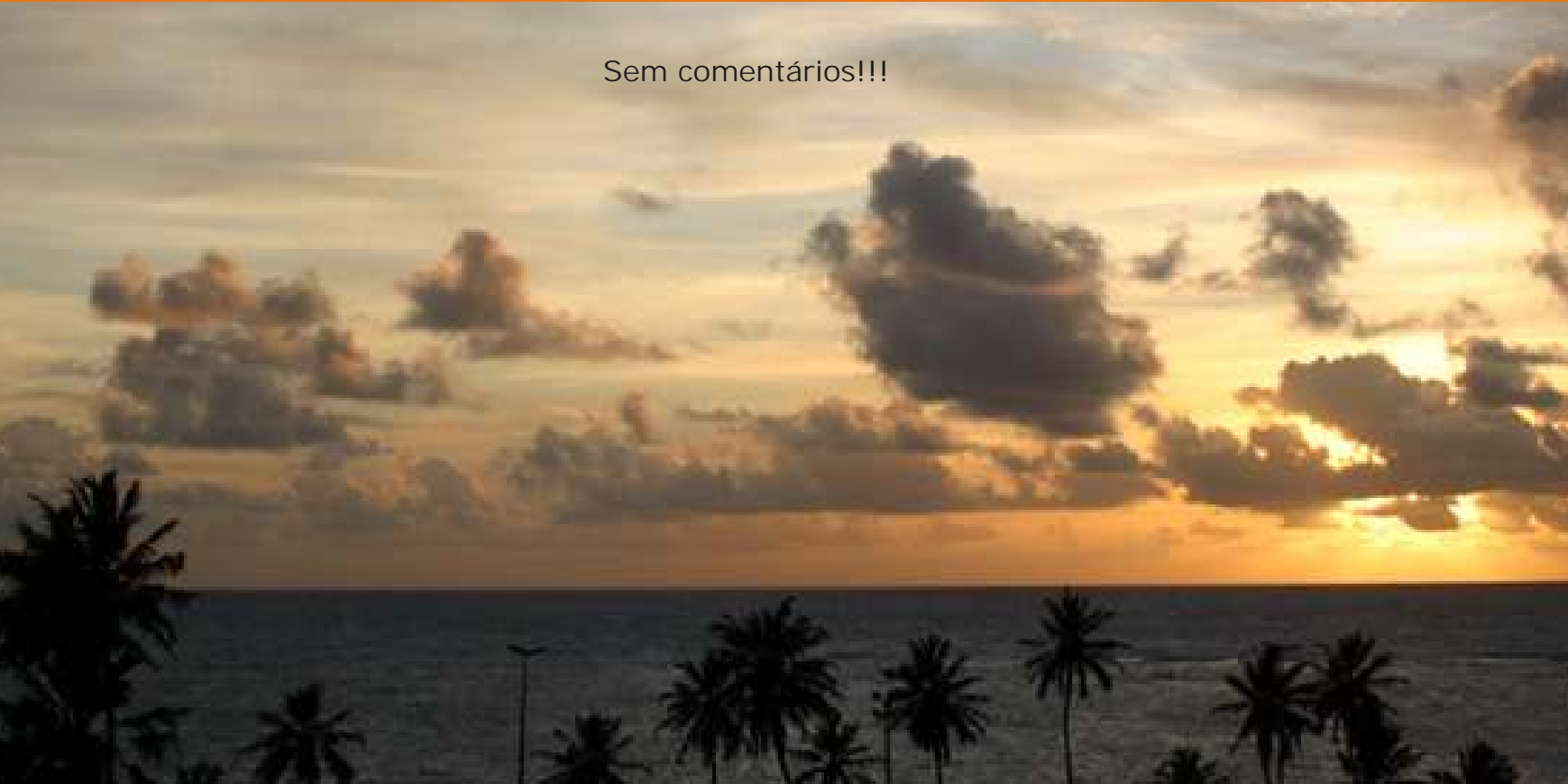
A cultura de Alagoas é muito preservada pelos profissionais ligados ao turismo. Zumbi dos Palmares, Lampião e Maria Bonita são citados a todo momento, ressaltando sempre a importância dos feitos para o povo alagoano.

E essa preservação da cultura é mantida até hoje. Os guias param os ônibus para comprar quebra-queixo, cocada e biscoitinhos caseiros, ajudando assim os pequenos ambulantes locais a terem sua renda. Outro destaque importante é o grupo teatral formado por guias que se apresentam terças e quintas no teatro do SESC, em Pajuçara... mas isto fica para a próxima edição!

Continua na próxima edição...



Sem comentários!!!



BORBOLETA

Ana Cristina Rodrigues

Hoje, finalmente arrumei a casa. Pela primeira vez depois da sua partida, tomei coragem e fiz a faxina que prometi a mim mesma, tanto tempo atrás.

Olhei ao meu redor, e me senti no meio de um museu dos nossos momentos. Bons e ruins. As lembranças e a dor quase me sufocaram.

Minha vontade foi rasgar os livros que lemos. Quebrar ao meio os cd's com as músicas que embalaram nossas noites de amor. Amassar as contas velhas, pagas em conjunto. Queria destruir o passado como se assim pudesse exorcizar a sua presença.

Mas preferi não.

Ao contrário, guardei tudo. Arrumei os livros na ordem que decidimos juntos. Organizei os cd's pela ordem de nossa preferência das músicas. Até as contas velhas eu arqueei com todo o cuidado... No fim, peguei uma folha em branco.

Nela, escrevi todo o amor, toda a raiva, toda a tristeza, todo o rancor, toda a alegria. Todos os sentimentos que alimentei por você desde que entrara na minha vida para depois



partir em silêncio.

Dobrei o papel em cuidadosos pedacinhos (lembra do curso de origami que fizemos juntos?). Transformei tudo aquilo em uma borboleta de papel branco.

Soprei-a da janela do 15º. andar, nesse dia chuvoso, como tantos em São Paulo. Ela começou a cair, devagar. Como se meus sentimentos tivessem dado vida à borboleta! Ou teria sido o meu sopro?

Sei que vi o pequeno ser de papel adejar, batendo as brancas asas contra o fundo cinza. Voou nos céus, arrastando em si o peso que eu tinha na alma. Em alguns minutos, ela sumiu no tom cinzento da tarde.

E hoje, finalmente, nossa casa voltou a ser só minha.

Seu fantasma foi exorcizado nas asas frágeis de uma borboleta de papel branco.

ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA

Rita Maria Félix

Disfarçado da melhor forma que pôde, ele olhava para seus amigos companheiros agora cadáveres empalados diante do prédio em chamas da ONU.

Eles não o escutaram ("Recusa-se a lutar? É mais medroso que uma galinha! Sempre vencemos todas as batalhas, porque esta seria diferente?") e partiram com uniformes coloridos, máscaras, codinomes estúpidos e poderes absurdos contra a "Invasão Demoníaca". Sua consciência quis recriminá-lo. Com telepatia, ele a silenciou.

Fugira para o anonimato em busca de algum lugar seguro. Ao redor, o mundo dissolvia-se no fogo enquanto pessoas eram dilaceradas. Ignorou os gritos. Que a humanidade fosse extinta. Para ele, o último super-herói da Terra, tudo que interessava era sobreviver.

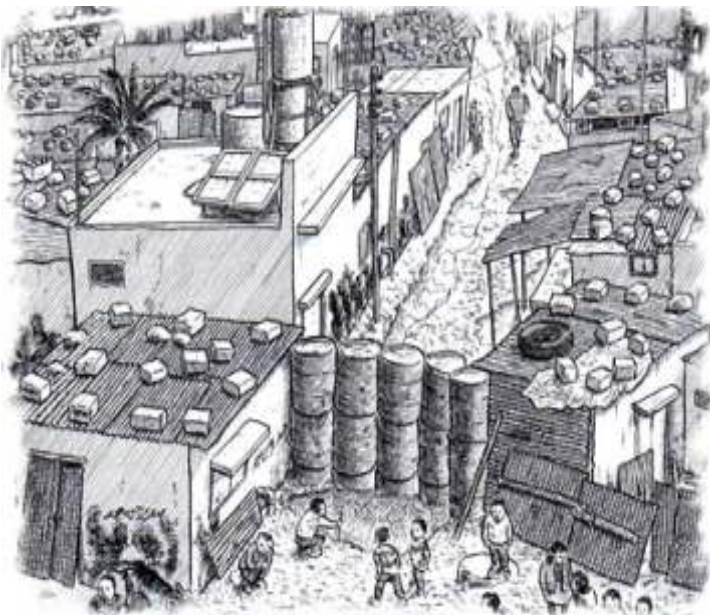


Ilustração de Joe Sacco

O BURACO NEGRO EM UM SACO

Georgiana Calimeris

Dia desses assistia ao programa Saia Justa. A atriz Betty Lago começou a falar sobre bolsas e de como as mulheres modernas necessitam tanto deste acessório. Há bolsas que custam mais de US\$ 15 mil, isso mesmo, quinze mil doletas norte-americanas! Um carro, uma casa em um acessório que, às vezes, chega a ser descartável. Mas, isso, definitivamente, não vem ao caso.

O interessante é que, quando era criança, olhava aquela sacola gigantesca que minha mãe carregava com ela em que tudo se perdia e nada era encontrado em tempo algum, jamais. Odiava quando ela me pedia para pegar algo na bolsa dela. Não sei como ela enfiava a mão e "tcharam", lá estava o objeto que ela havia me pedido. E eu, olhando estupefata como se um fantasma estivesse à minha frente.

Cresci querendo carregar na bolsa não mais do que documento, dinheiro e, se fosse possível, era até melhor sair sem o acessório feminino. O tempo passou e comecei a vida adulta em que o mundo precisa ser carregado logo pela manhã. Então, de repente, eu me vejo com uma sacola gigante, a *la mammy*, carregando a vida, roupa, escova de dentes, diário, carteira, cartões e outras coisas que flutuam no buraco negro chamado bolsa de mulher. Já achei moedas perdidas dentro dela, óculos e Deus sabe o que mais. Ah! Atualmente é impossível sair sem o telefone celular porque quando você esquece em casa, todo mundo resolve ligar. Os bolsos das calças jeans já não servem para nada. Outro dia, achei um pirulito do meu filho flutuando no imenso buraco negro de flores laranjas e fundo bege que tem na bolsa negra como o céu. Não sei como algumas mulheres espremem tudo em minúsculos saquinhos de alças pequenas! Por essas e outras, gosto de calças com muitos bolsos. Mas os bolsos não levam CD's nem roupas para trocar, não dá para enfiar um casaco em um bolso.

Infelizmente, aderi ao estilo de mamãe de levar o mundo pendurando nos ombros. Bom, para dizer a verdade, há alguma utilidade em se carregar o mundo. Lembro de um conto de Marina Colasanti em que a mulher estava em um elevador e se agarrava à bolsa. Já me agarrei ao negrume que anda comigo, uma vez. Respirei fundo, segurei firme na bolsa e fui enfrentar a vida! O que eu tinha



comigo? A bolsa! Era o meu suporte, o meu alicerce, a base para poder sair de casa e seguir adiante, enfrentando a estranha fobia que tive de sair de casa. Foi nas alças penduradas nos ombros que encontrei o conforto que precisava para conseguir me manter sã. É engraçado olhar para trás e pensar nisso, na cena de andar na rua com o olhar assustado, guiando a mim mesma como uma criança pequena e usando apenas um acessório da moda para me segurar na vida!

Mesmo tendo a estranha característica de buraco negro, é impressionante como uma bolsa pode ser a melhor amiga de uma mulher, de como pode servir para falar da vida, da personalidade, dos dissabores e amores, das infinitas possibilidades de mundos diferentes que se pode encontrar apenas ao vislumbrar um objeto cotidiano da vida humana... Um dia desses, eu me livro do buraco negro e arrumo uma sacolinha para levar o básico da vida!

A CIDADE DO PECADO

Todos estão acostumados com as adaptações de quadrinhos para a película. Dentre elas podemos ver filmes como: Batman, Superman, Hulk, Demolidor, Elektra, Quarteto Fantástico, X-Men, etc. Mas de todas que surgiram, o filme *Sin City - A Cidade do Pecado* foi uma das melhores no quesito HQ/película.

Para que esse filme surgisse, o diretor Robert Rodriguez apresentou um curta metragem a Frank Miller. Caso fosse aceito, o mesmo seria transformado na abertura do longa-metragem. Mas se não gostasse, Miller poderia usá-lo para mostrar aos amigos como uma brincadeira com seus personagens poderia vir a estragar um trabalho sério dele. Miller aprovou o material e, dessa forma, o filme foi autorizado.

The Hard Good-Bye, *The Big Fat Kill* e *That Yellow Bastard*, todas publicadas em graphic novel, foram as histórias utilizadas para criar o filme. Robert Rodriguez considerava o estilo visual de Frank Miller tão importante para *Sin City* que fez questão que o quadrinista recebesse o crédito de "co-diretor" no longa-metragem. Como o Director's Guild of America não permite a existência dessa função, Rodriguez decidiu se desligar do sindicato.

Esse filme tão bem adaptado manteve seu formato em preto e branco, utilizando raramente cores para que se mantivesse o padrão dos quadrinhos. Não bastando isso, foram feitos estudos para que o sangue nas cenas ficasse igual às obras de Frank Miller, e não em um tom acinzentado como se costuma acontecer nos filmes P&B.

Sabe-se também que o diretor Quentin Tarantino aparece nos créditos como: "diretor especialmente convidado". Tal fato se deve a Robert Rodriguez ter composto a trilha sonora de *Kill Bill - Volume 2* (2004) pelo preço simbólico de um dólar. Como retribuição, Tarantino decidiu dirigir um dos segmentos de *Sin City* pela mesma quantia.

Os atores receberam maquiagem e equipamentos protéticos de forma a torná-los ainda mais parecidos com as personagens de Frank Miller, mesmo que eles já estivessem bem próximos do papel que vivenciarão. Mas se todas essas informações não bastarem para convencê-lo a assistir esse quadrinho tão bem adaptado para o cinema, lanço aqui o desafio: procure as Graphic Novels que foram utilizadas como *story-boards* e vejam o filme. Garanto que você se assombrará com o desempenho grandioso de Robert Rodriguez que conseguiu fazer com que Frank Miller mais uma vez acreditasse nas produções "hollywoodianas". (Rúbia Cunha)



COWABUNGA!



Quem viveu ao menos parte de sua infância no início dos anos 90 no Brasil sabe exatamente a que se refere a saudação (ou seja lá o que for!) acima, pois ela remete imediatamente às carismáticas *Tartarugas Ninja*. Criação dos quadrinistas Kevin Eastman e Peter Alan Laird, elas conquistam fãs desde o começo, em 1984. Sim, a maioria das pessoas em terras tupiniquins não sabe, mas as Tartarugas Mutantes Adolescentes Ninja (*Teenage Mutant Ninja Turtles*, no original) surgiram primeiro nos quadrinhos, após uma conversa de bar entre seus autores. Mesmo misturando elementos de quadrinhos como Demolidor e Elektra de *Frank Miller* e os saudosos X-Men dos anos 80, e com a dose certa de ação e pancadaria, os personagens inicialmente foram rejeitados por diversas editoras. Até que seus criadores decidiram lançar a revista por conta própria e ela firmou-se nos EUA como um excelente título do circuito alternativo de HQs. Só depois é que Leonardo, Michelangelo, Raphael e Donatello ganharam as telinhas, no desenho exibido no Brasil na década passada, e que era de um teor MUITO mais infantil que as violentas HQs originais, por sinal. Depois de perambular por diversas mídias (como cinema, várias versões de HQs além da original de Eastman e Laird, videogames e outra série animada de caráter mais sério), finalmente as Tartarugas chegam às telonas numa versão mais fiel ao espírito original da obra, dirigida por *Kevin Munroe* e totalmente produzida em animação 3D. O título no Brasil será *Tartarugas Ninja: Uma Nova Aventura*, e a estreia por aqui deve acontecer em abril. Antigos e novos fãs dos discípulos do Mestre Splinter acreditam que valerá a pena conferir esta nova versão. Se ela corresponder a tudo que se espera, só resta uma coisa a fazer: pegar um bom pedaço de pizza, sentar-se numa cadeira de cinema, curtir o que se espera que seja o retorno triunfal destes personagens tão aclamados pelo público, e ao fim de tudo exclamar "Cowabunga! Eles voltaram!". (*Leonardo de Moura*)

JÁ VAI TARDE

Todo ano é sempre igual. Chega nessa época, quando as emissoras começam a anunciar quais séries serão canceladas, acontece um pandemônio na internet em blogs e fóruns por causa de campanhas do tipo "salvem a minha série favorita". Nesse ano houve um movimento para tentar salvar *The O.C* (que já foi oficialmente cancelada) e há indícios que também acontecerá com *One Tree Hill*. Todos os meios são válidos: baixo-assinados, anúncios em revistas, campanha para estimular a audiência. Trata-se de um fenômeno curiosíssimo que merece ser estudado.

Mas a questão é que a maioria dos fãs, e muitas vezes os próprios produtores, não enxergam o óbvio: toda série, por melhor que seja, tem prazo de validade. Feliz é aquele que

sabe se retirar na hora certa. Uma série prolongada além do necessário faz com que as pessoas percam o interesse e, no final, o que tinha todo o potencial para ser um clássico perfeito, torna-se um produto questionável.

É o caso de *Arquivo X*. Qualquer pessoa que tenha algum respeito pela memória de Mulder e Scully reconhece que o seriado deveria terminar no fim da sexta temporada. Mas *Arquivo X* foi condenada a se arrastar por três anos além do ideal e perdeu todo o fascínio. Mesmo assim, o tal movimento "salvem *Arquivo X*" aconteceu. *The O.C* teve uma primeira temporada brilhante, mas o restante foi medíocre. Acabou de forma pouco honrosa com uma quarta temporada incompleta. A lista daquelas que terminaram mal é longa: *Alias*,

Felicity, *Angel* e *Ally McBell* são apenas alguns exemplos. Poucas se foram na hora certa, que foi o caso de *Friends*, *Seinfeld* e *Buffy*. Existem ainda outras já clássicas que merecem um ponto final ainda esse ano antes que virem um desastre. Relacione aí *E.R.*, *Gilmore Girls* e *Smallville*. Os produtores de *Lost* se adiantaram e proclamaram o fim já no próximo ano. A série vem perdendo audiência, mas ainda há tempo de sair com moral.

Por isso, antes de xingar os executivos e produtores, pense bem. É melhor ter série impecável para se orgulhar (e depois comprar o DVD), mesmo que tenha sido cancelada de forma prematura, do que uma que se arrastou até que você sentisse vergonha. (*Djenane Arraes*)

SUNNYDALE AINDA VIVE

Dez anos depois da estréia do seriado de TV, a caça-vampiros Buffy está mais influente que nunca, e hoje se encontra no mesmo patamar dos grandes heróis da ficção

Uma pergunta natural é "como alguém pode levar à sério um produto inspirado num filme ridículo chamado 'Buffy, a Caça-Vampiros'"? Por muito tempo essa foi a principal barreira que fez as pessoas deixarem de assistir o seriado criado por Joss Whedon. Pura bobagem. Quem se levou por tal preconceito não viu um clássico fantástico que virou referência na cultura norte-americana.

Há dez anos Buffy, a Caça-Vampiros (BTVS) estreou nos Estados Unidos. A primeira temporada foi uma "mid-season", espaço destinado à séries "tapa-buracos" que os executivos das emissoras não levam muita fé. O canal em questão era a Warner (hoje CW), o menor entre os grandes conglomerados televisivos. Por ironia do destino esse mesmo "tapa-buracos" foi o primeiro grande sucesso jovem da emissora e o responsável por colocá-la no mapa. Joss montou uma série repleta de diálogos inteligentes, metáforas assustadoras e personagens tridimensionais interpretados pelos atores certos. BTVS durou sete temporadas em 144 episódios, gerou a série derivada *Angel*, histórias em quadrinhos e um público tão fanático quanto os trekkers (adoradores de Jornada nas Estrelas). Mesmo depois de quase quatro anos do último episódio ter ido ao ar, os executivos ainda tentam convencer Joss a produzir ou liberar direitos para séries derivadas e telefilmes. O que é mais correto dizer é que Buffy vai continuar na ativa nos quadrinhos da editora Dark House, que lança a partir do próximo mês a "oitava temporada". É um caminho natural a percorrer dada a natureza da mitologia que tem forte inspiração nos heróis da Marvel. Buffy foi criada a partir da X-Man Kitty Pryde, a mutante que atravessa paredes.

Mas o legado da caçadora vai além. O seriado foi considerado um dos cinquenta melhores de todos os tempos. A loirinha que saía na porrada com demônios e vampiros está entre as cem pessoas fictícias mais influentes da história, ao lado de "gente" como Romeu e Julieta, Mickey Mouse, Batman, Luke Skywalker e Helena de Tróia. Centenas de livros com base na série foram escritos, entre novelizações de episódios, histórias inéditas, registros oficiais de bastidores e trabalhos acadêmicos. A respeito desse último item, existem muitas dezenas de exemplares de teses de alunos, professores e até de mestres de universidades pelo mundo afora. O seriado virou fonte de pesquisa universitária porque sua história gera discussões em áreas como religião, filosofia, sexualidade, feminismo, cultura popular e psicologia.

Buffy entra em ação nos quadrinhos da Dark House a partir de março



O enredo e a gangue

O personagem central é *Buffy Summers*, uma loirinha ex-chefe de torcida que foi a escolhida para enfrentar todo o mal. Ela faz parte de uma longa linhagem de caçadoras de vampiros e demônios. Trata-se de um esquema místico onde a cada uma que morre, uma sucessora é imediatamente “chamada”. A menina que recebia a “dádiva” ganhava força física descomunal, um sistema imunológico privilegiado, grande poder de cicatrização, e vidência em menor grau (caçadoras tinham sonhos proféticos).

Buffy foi “chamada” aos 15 anos quando morava em Los Angeles. Nos primeiros meses como caçadora ela foi acusada de ser louca e internada numa clínica psiquiátrica, seus pais se divorciaram, seu primeiro observador (a pessoa responsável pela orientação e treinamento da caçadora) foi morto, e ela ainda foi expulsa da escola após incendiar o ginásio de esporte (estava cheio de vampiros). O curioso é que poucas informações do filme foram aproveitadas na TV. Ficaram a cidade de origem (L.A.), o fato que Buffy era uma garota fútil, e a morte do primeiro observador.

O ponto de partida do seriado é quando a caçadora chega, aos 16 anos, na cidade fictícia de *Sunnydale* (também chamada de “Sunnyhell”), local da “boca do inferno”. A mãe, *Joyce Summers*, passou a ter uma situação financeira delicada após o divórcio, e para se reerguer decidiu montar uma galeria de artes numa cidade pequena. Na nova escola, Buffy conhece seu novo observador, *Rupert Giles*, um inglês meio antiquado, mas com um passado sinistro. O primeiro encontro dos dois é tenso pois ela não aceitava o seu destino e só queria ter uma vida normal, o que seria impossível.

Ainda na escola, foi abordada por *Cordélia Chase*, a garota rica e popular, e convidada a integrar a sua turma. No entanto, ela escolhe a discrição e certo isolamento social ao preferir a amizade da adorável nerd ruivinha *Willow Rosenberg*, e do boa-praça *Xander Harris*. Juntos eles formaram a *gangue do scooby* original, que lutava contra vampiros, demônios e outros baratos. A turma foi se modificando com o tempo. Muitos personagens transitaram pelo seriado, mas a base Buffy-Willow-Xander permaneceu até o fim. Por sete anos, Buffy e seus amigos foram sobrevivendo às mais bizarras ameaças que chegavam em Sunnydale. Muitas vezes o perigo era eles próprios.

O pior show para a família

Agora que você sabe o básico da história, pode até continuar pensando que *BTVS* era apenas um show para adolescentes que tinha alguma pancadaria. Era isso também, mas o mérito é que ele conseguiu ir além dos similares ao abordar temas complexos por ser um caminho natural a seguir. Promover polêmica pela polêmica ou usar uma situação negativa para dar lição de moral nunca foi o objetivo. Essa postura foi uma das razões que levaram os críticos representantes da mídia conservadora americana a elegerem *BTVS* como o pior show para a família (o que era um elogio). O seriado esteve no topo da lista enquanto existiu. *Joss Whedon* nunca ligou



Buffy era comunista? Muitos acadêmicos disseram que sim

para os resmungos dos conservadores. Ele disse que escrevia o que as pessoas precisavam ver e não o que elas queriam. Ao longo das sete temporadas, *BTVS* foi acusado, entre outros, de fazer propaganda comunista, apologia ao homossexualismo, e ser anti-cristão. Algumas coisas tinham sua razão de ser, já outras eram uma “interpretação radical do texto”. Vamos por partes.

De acordo com os acadêmicos, a mensagem política de *BTVS* ia além da ideologia liberal-democrata predominante na TV estadunidense. Alguns encontraram aspectos anárquicos nele, mas a maioria foi categórica: Buffy era comunista e devia até ter um pôster do Che Guevara escondido no quarto. Em *BTVS*, a produção em massa era uma invenção demoníaca, redes de fast food eram tenebrosas, e o consumo pelo consumo era tratado com ironia. Capitalistas eram chamados de cães oficiais. A caçadora até liderou uma rebelião



A transformação de Willow em “Dark Willow” na 6ª temporada foi uma homenagem à Saga Fênix Negra dos X-Men, que Joss Whedon amava

numa fábrica infernal usando como armas uma foice e um martelo. Algumas vezes Joss precisou pedir desculpas aos patrocinadores por essas críticas. Tudo para evitar uma debandada deles, afinal, calcula-se que cada episódio custava U\$ 1 milhão, fora o salário do elenco e da equipe técnica. Era preciso pagar as contas.

O ideal vermelho também influenciou o aspecto religioso do seriado. Karl Marx disse que a religião era o ópio do povo, e Joss concordava. Mas ele não criou um show anti-cristão e nem contra qualquer outra crença. BTVS criticava a religião como ferramenta de controle ideológico e social. Ele mostrava isso usando a vilania, que seguia seitas e outros baratos. Do lado da gangue, apenas Willow tinha uma religião declarada: era judia por causa da origem familiar. A caçadora não era cristã, apesar de comemorar o Natal pela tradição da data. Ela usava crucifixos e água benta como meros instrumentos de trabalho. O mesmo valia para rituais, feitiços e qualquer outra ação "pagã" realizada, especialmente, por Willow. Ao longo das temporadas não ficou claro se a caçadora, sequer, acreditava em Deus. Mas Buffy tinha profundo respeito pela crença alheia e até se sentia mal por ser uma ignorante no assunto. Para a gangue, o importante era ter fé uns nos outros.

E a parte da apologia ao homossexualismo? Joss foi acusado disso também porque criou o casal gay mais duradouro da história da TV americana. Isso bem antes de existir seriados temáticos e outros trecos. O casal em questão era Willow Rosenberg e Tara McLay, e o namoro delas durou pouco mais de duas temporadas. O assunto foi tratado com naturalidade e sem erguer nenhuma bandeira. Willow se apaixonou por uma pessoa, que por um acaso era uma garota, e tratou de ser feliz. Fim!

Agora a parte curiosa é que a maioria dos estudiosos acadêmicos afirmam que, apesar de tudo, BTVS era um dos seriados mais éticos da TV americana. É inusitado pensar nisso quando todos os mocinhos tinham graves falhas de caráter e cometiam muitas burradas. A distância entre o bem e o mal era pequena e a chamada área cinza, gigantesca. Mas na hora da verdade, alguém fazia a coisa certa (e geralmente era Buffy), mesmo que esse "certo" fosse ruim para o próprio.

Viver é foda

Agora que chegamos até aqui, que tipo de mensagem BTVS queria transmitir afinal? Foram pelo menos duas principais. A primeira é "crescer dói", e ela é ligada às temporadas que abrangem os anos escolares e o início da faculdade. Monstros e vampiros, naquela época, eram metáforas das dúvidas, receios e obstáculos que precisam ser vencidos pelo caminho.

Já na outra metade, quando a gangue entra na vida adulta, a mensagem passou a ser: "viver é foda". Se for colocar na balança, Buffy mais perdia do que ganhava. Ela saía vitoriosa na hora da porrada, mas na vida "real" as coisas eram bem diferentes. O cotidiano era mais duro do que qualquer luta com vampiros. Buffy nunca foi feliz no amor, não conseguiu completar a faculdade, encarou empregos ruins, adquiriu dívidas, a geladeira ficava vazia, e nem empréstimo em banco conseguia. Chegou um momento que para continuar salvando o mundo, precisou ser patrocinada pelo resto da gangue.

Pensando bem, a vida dos nossos heróis anônimos e reais não é muito diferente. São educadores, treinadores, bons policiais, bombeiros, pessoas que passam um dobrado para salvar crianças em situações de risco e precisam implorar por patrocínio para continuar o trabalho, além de tantos outros mais. É intrigante pensar que se Buffy fosse brasileira, tirando os aspectos culturais, nada mudaria.



Buffy e Willow são as únicas personagens que aparecem em todos os episódios, e que tiveram inspiração direta nos quadrinhos. A caçadora e sua melhor amiga foram inspiradas, respectivamente, nas X-Men Kitty Pryde e Jean Grey

NOVE PERSONAGENS



Buffy Summers
(caçadora)

As perdas ao longo da estrada foram endurecendo a líder da gangue, que era uma patricinha e se tornou um general. Apesar de ser mandona e ter complexo de superioridade, Buffy é íntegra e tem forte senso familiar.



Willow Rosenberg
(hacker/bruxa)

"Red" é a integrante mais poderosa da gangue mas, diferente de Buffy, não sabe usar a força que tem. É doce e inteligente, porém sua insegurança é crítica e ela tende ao vício. Já matou por vingança.



Xander Harris
(carpinteiro)

É um cara meio ciumento e sem habilidades especiais. Sua lucidez mantém a gangue com a cabeça no lugar nos momentos de crise. É o integrante mais leal da turma.



Rupert Giles
(observador)

O mentor inglês era conhecido como "o estripador". É a figura paterna de Buffy. Com o tempo passou a questionar o seu papel e relevância na vida de seus pupilos.



Dawn Summers
(chave interdimensional)

A irmã caçula de Buffy é uma adolescente especialista em criar problemas. É uma pessoa carente e cleptomaníaca. Mostra ter facilidade no aprendizado de línguas mortas e vocação para ser uma observadora.



Faith Lehane
(caçadora)

Faith é o perfeito oposto de Buffy. É uma assassina condenada que passou um período na cadeia. Procurou se redimir lutando ao lado da gangue na batalha derradeira de Sunnydale.



Anya Jenkins
(ex-demônio da vingança)

Era a "capitalista" da gangue, e tinha fobia de coelhos. Ajudava com a experiência que adquiriu em mais de mil anos como demônio. Foi noiva de Xander.



Spike
(vampiro)

Foi amante de Buffy. O anti-herói rebelde tinha um chipe na cabeça que o impedia de machucar pessoas. Depois ganhou uma alma e "morreu" como herói.



Angel
(vampiro)

Amaldiçoado com uma alma, viveu uma história de amor impossível com Buffy. Era um herói romântico e deixou Sunnydale para ter sua própria série.

EPISÓDIOS CLÁSSICOS

BTVS conseguiu a proeza de ter 144 episódios relevantes para a construção da mitologia da série. Mesmo os considerados ruins ou sem-graça tinham, em algum momento, uma informação que se tornaria fundamental para um acontecimento futuro, ou mesmo uma seqüência de diálogo memorável. Muitos tiveram histórias bem originais e outros fizeram belas referências a clássicos do cinema e da literatura. Há ainda aqueles que foram homenageados em outras séries. Quatro são particularmente memoráveis e presença obrigatória nas listas de "10 Mais" de qualquer fã. São eles:

ONCE MORE WITH FEELING

É o episódio mais longo, com 50 minutos de duração. Joss Whedon sonhava fazer um musical e BTVS era perfeito para realizar tal vontade, pois a mitologia permitia que ele encontrasse um bom argumento para o formato, sem soar forçado ou falso. *Once More With Feeling* (ep06 da 6ª temporada) foi tão bem sucedido que ganhou sessões especiais de cinema, com direito a pôster especial. A trilha-sonora foi lançada em CD.

Tudo começa quando um demônio é conjurado e, de repente, todos os habitantes de Sunnydale passam a viver num musical. Eles cantam seus sentimentos mais verdadeiros. Buffy vivia a mazela de ter sido arrancada do paraíso por Willow (a caçadora havia morrido no final da temporada anterior) e ter de viver novamente no inferno que é a realidade. Giles reafirma seus sentimentos paternais por Buffy e a tristeza de não poder ficar em Sunnydale porque isso iria atrapalhá-la. Xander e Anya vivem as dúvidas e inseguranças de um casamento próximo. Tara faz uma declaração de amor a Willow, e em seguida canta sua desilusão pela mesma. Spike vive a angústia de amar a caçadora e não poder tê-la.

Todos do elenco cantaram sem a ajuda de profissionais. Meses antes da produção do episódio, Joss realizou uma audição em sua casa onde os atores tiveram de entoar uma peça de teatro. Naquele momento ele definiu quem teria ou não a capacidade de fazer um musical. Anthony Head (Giles) e James Masters (Spike) tinham experiências anteriores com o formato, mas Joss precisava ter certeza se os outros não fariam feio. Ele constatou que as duas únicas incapazes de cantar eram as atrizes Michelle Trachtenberg (Dawn) e Alyson Hannigan (Willow). Sendo Willow a personagem central da temporada, uma música solo dela seria importante. Joss cogitou a contratação de uma cantora profissional para dublá-la, mas a atriz o fez desistir da idéia ao lembrar que sua personagem tinha pânico de cantar em público, como já havia sido mostrado em episódios anteriores. A ausência da música solo de Willow acabou reforçando a idéia de que ela não sabia trabalhar seus sentimentos, e isso foi um dos argumentos fundamentais para a corrupção da jovem feiticeira.



HUSH

Foi o primeiro episódio de BTVS a ser indicado a um Emmy de melhor roteiro. Certa vez disseram a Joss Whedon que a característica mais forte do seriado era o diálogo. Ele discordou da crítica e decidiu provar que ela estava errada. Foi quando escreveu e dirigiu *Hush* (ep10 da 4ª temporada), onde em mais da metade do episódio os personagens ficam mudos.

A gangue seguia se adaptando a nova rotina. Buffy e Willow desfrutavam as experiências do primeiro ano de faculdade, Giles começava a dar sinais de superação da vida de desempregado, Xander dividia o tempo entre empregos ruins e a namorada Anya, e Spike se protegia do grupo militar "Iniciativa" na casa do então ex-observador. Um dia, monstros saídos de contos de fadas chamados "Cavalheiros" chegam a Sunnydale e roubam as vozes de todos na cidade. O objetivo deles era pegar sete corações humanos (extraídos de forma nada gentil, com muito sangue, e sem direito a anestesia). A única forma de derrotá-los era alguém gritar. Os Cavalheiros eram demônios dos mais interessantes. Tinham aparência medonha, mas eram refinados. Eles passeavam pela cidade flutuando a poucos centímetros do chão, vestidos em ternos impecáveis e faziam movimentos graciosos.

O elenco passou com louvor pelo desafio de transmitir sentimentos apenas com expressão corporal, como num cinema mudo. A cena de Giles fazendo uma "palestra" muda com retro-projetor virou um clássico.

Hush é considerado um dos episódios mais assustadores de BTVS (ao lado de *Conversations With Dead People* da 7ª temporada) e seu enredo daria um filme de terror de classe. Ele também foi o primeiro de uma série que apresentou uma forma não convencional de se contar a história da semana.



Um cavalheiro (acima), e Giles faz uma palestra muda

THE BODY

Joyce Summers estava condenada a morrer desde a primeira temporada. Mas a personagem mostrou ter grande importância para o amadurecimento de Buffy, e matá-la prematuramente obrigaria Joss a promover modificações que não seriam interessantes nos primeiros anos. Joyce veio a falecer no ep16 da 5ª temporada e representou um “divisor de águas” da série.

Buffy vivia um momento tenso. Estava dividida entre: a faculdade, a necessidade de proteger a irmã de uma deusa psicopata, ter de superar o fim do namoro com o soldado Riley Finn, e ser forte diante da doença da mãe (Joyce se recuperava de uma cirurgia para a retirada de um tumor no cérebro). Após presenciar um episódio cômico, Buffy volta para casa e encontra o corpo da mãe no sofá. Joyce havia morrido minutos antes por causa de um aneurisma. A reação dela é de choque e perplexidade. A gangue já havia perdido membros importantes por causa do “trabalho”, mas essa foi a primeira vez que ela teve de encarar a morte como algo natural e inevitável.

Além do drama, o que torna *The Body* um clássico genial são os ângulos de câmera, as cores estouradas e o fato de não haver música de fundo. Ouvir apenas o som ambiente tornou tudo ainda mais tenso e perturbador. A cena marcante é da ex-demoníaco Anya. Ela se deparou com a morte de alguém querido pela primeira vez em mais de mil anos de sua existência. Sem entender o significado daquilo, reagiu como uma criança, fazendo inúmeras perguntas. Chegou um momento que isso irritou Willow, que a mandou calar a boca. O desabafo que Anya faz é de fazer chorar.



Buffy encontra o corpo da mãe no sofá de casa e fica desolada

RESTLESS

Todas as temporadas de *BTVS* terminaram no confronto definitivo com o grande vilão, menos uma: a quarta. A batalha derradeira havia acontecido no penúltimo episódio. O encerramento ficou por conta de *Restless* (ep22 da 4ª temporada), que se passava nos sonhos da gangue. Trata-se de um episódio profético, onde o espectador poderia saber o que se aconteceria no futuro, desde que tivesse uma boa interpretação.

Após derrotar o monstro criado pela Iniciativa (um grupo militar secreto), Buffy, Willow, Xander e Giles decidem relaxar numa sessão de vídeos com direito a pipoca, biscoito, refrigerante e cobertor. Mas todos caem no sono antes mesmo do primeiro filme começar e a partir de então são ameaçados pela essência da primeira caçadora. No sonho de Willow, ela escancara as suas inseguranças e sua baixa-estima. Xander pensa mais com o pênis do que com o cérebro. No sonho, ele vai atrás do prazer, mas sempre acaba sozinho num porão para enfrentar seus traumas. Ele também evidencia a frustração por ser o único da gangue sem nenhuma habilidade especial. Giles fica dividido entre o papel de observador e de pai em relação a Buffy (ele cantaria a mesma coisa em *Once More With Feeling*), e também sente a responsabilidade de ser o mentor do resto da gangue. O medo de Buffy era ficar sozinha no mundo, e ela passa o sonho procurando por Xander, Willow e Giles, ou seja, sua família de coração. A primeira caçadora a confronta e tenta forçá-la a trilhar um caminho solitário e de matança (ela vai parar num deserto inclusive). “A caçadora não caminha nesse mundo”, dizia a original. Mas Buffy refuta a ideia e exige que sua família fosse “devolvida”. No fim, as duas saem na porrada. Por ironia, o que se viu nas temporadas seguintes foi o isolamento crescente de Buffy no papel de líder.

Restless é um capricho de produção. Seu roteiro é tão complexo que até hoje há aqueles que o estuda com afinco. Em especial os estudantes de psicologia e os fãs que sempre querem descobrir um detalhe despercebido.